

## TRADUÇÃO

### Um novo renascimento: a história das filósofas além de fronteiras e culturas<sup>1</sup>

SARAH HUTTON  
(Autora)<sup>2</sup>

AMANDA VICTORIA MILKE FERRAZ DE CARVALHO, DIEGO ENRIQUE CLARE JUNIOR, EDUARDO ADAM ALVES DE SIQUEIRA GONÇALVES, FERNANDO ALVES GRUMICKER, FERNANDO SAUER DOS SANTOS, JOÃO FRANCISCO TRUCCOLO, LEONAN COELHO DA COSTA, NICOLE ELOUISE AVANCINI, PAOLA CRISTIANE SCHROEDER DOS SANTOS, THIAGO LUAN QUEIROZ, VINICIUS RHUAM TEZOLIM PERAÇOLI, VITORIA NUNES SILVA DE SOUZA, DR<sup>a</sup>. NELSI KISTEMACHER WELTER, DR. PEDRO FALCÃO PRICLADNITZKY.

(Tradutores/as)<sup>3</sup>

**Resumo:** Neste artigo, trago uma revisão do progresso que tem sido feito na recuperação de vozes perdidas das filósofas. Depois de considerar alguns dos desafios que este trabalho de recuperação enfrentou e ainda enfrenta, também considero a promessa que o futuro reserva para estender este trabalho de recuperação no tempo e no espaço, a todas as tradições filosóficas em todo o mundo. Focalizo particularmente nos desafios da alteridade e apagamento, argumento que as abordagens contextuais desenvolvidas para enfrentá-los são especialmente relevantes para os desafios a serem lidados ao estender este trabalho para além da Anglo-América. Sugiro que este trabalho de recuperação é comparável à recuperação da filosofia antiga na Renascença Europeia. Com a extensão deste trabalho de recuperação das filósofas de todos os tempos e de todas as culturas, podemos esperar um novo Renascimento – um Renascimento não dos filósofos gregos da antiguidade, mas da filosofia das mulheres.

**Palavras-chave:** História. Filósofas. Recuperação do Cânone. Alteridade. Tradições. Novo renascimento.

**Abstract:** In this paper I review the progress that has been made in recovering the lost voices of philosophical women. After considering some of the challenges that this work of recovery has faced and still faces, I consider the promise which the future holds for extending this work of recovery across both time and space, to all philosophical traditions across the world. Focusing particularly on the challenges of alterity and erasure, I argue that the contextual approaches developed to face these are especially relevant to the challenges to be faced when for extending this work beyond Anglo-America. I suggest that

---

<sup>1</sup> Referência da obra original: Hutton, S., 2022. *A New Renaissance: The History of Women Philosophers Across Boundaries and Cultures*. In: *Latin American Perspectives on Women Philosophers in Modern History* (pp. 9-18) Switzerland: Springer Nature International Publishing. Agradecemos à Springer Nature International Publishing pela concessão dos direitos para essa tradução.

<sup>2</sup> University of York, Heslington, UK. E-mail: sarah.hutton@york.ac.uk

<sup>3</sup> Tradução elaborada pelos estudantes, bolsistas e voluntários atrelados ao Programa de Educação Tutorial de Filosofia (PET-Filosofia) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), sobre a orientação e revisão de Dr<sup>a</sup>. Nelsi Kistemacher e Dr. Pedro Falcão Pricladnitzky

this work of recovery is comparable to the recovery of ancient philosophy in the European Renaissance. With the extension of this work of recovery to women philosophers of all times, and all cultures, we can look forward to a new Renaissance – a Renaissance not of the Greek philosophers of antiquity, but of the philosophy of women.

**Keywords:** History. Women philosophers. Recovery Canon. Alterity. Traditions. New Renaissance.

### **Introdução: esse não é um tempo para complacência**

Os artigos deste volume atestam o sucesso da empreitada de recuperação de filósofas empreendida nos últimos anos. Esse nascimento de interesse por filósofas é relativamente recente e a tarefa de restaurar a visão de filósofas ainda não está completa (Hutton, 2015, 2019). Por muito tempo, parecia que as contribuições das mulheres para a filosofia não iam a lugar nenhum e o destino das filósofas foi a obliteração (O'Neill, 1998; Hagengruber e Hutton, 2019). Mas o trabalho de recuperação realizado nas últimas duas décadas mudou isso. Como resultado, há agora um número pequeno, mas crescente, de mulheres cuja filosofia tem sido restaurada.<sup>4</sup> Também sabemos de muito mais mulheres cujas atividades filosóficas são menos bem documentadas, e o trabalho está em andamento para descobrir mais, estudar sua filosofia, entender seus interesses e prioridades filosóficas e rastrear seus legados. Isso é realmente algo para comemorar. Não é apenas notável que isso tenha acontecido, mas é igualmente notável que haja agora uma forte demanda por conhecimento sobre essas mulheres e sua filosofia entre os filósofos de hoje. Isso não apenas justifica o trabalho dos pioneiros, mas também traz grande esperança para o futuro.

No entanto, este não é um momento para complacência. É fácil pensar que a batalha foi vencida e que podemos descansar e aproveitar os frutos de todo esse trabalho. Afinal, as obras de filósofas estão sendo publicadas; Livros e artigos estão sendo escritos sobre elas; E as mulheres estão representadas nos currículos de

---

<sup>4</sup> Uma líder no trabalho de recuperação foi Mary Ellen Waithe (Waithe, 1986-1991). Também (Meyer e Bennent-Vahle, 1995). Desde então, outras foram adicionadas ao panteão das filósofas: veja também Broad e Green (2009), O'Neill e Lascano (2019).

filosofia de muitas universidades.<sup>5</sup> Mas aos olhos da história, as valiosas filósofas até agora recuperadas são raras. A história das filósofas é, ainda, uma história fragmentada. Começamos, mas ainda há muitas lacunas a serem preenchidas. A maioria (embora não todas) das filósofas que foram recuperadas até agora são europeias, e a grande parte delas viveu nos séculos XVII e XVIII: mais proeminentemente Anne Conway, Margaret Cavendish, Mary Astell, Damaris Masham e Emilie du Châtelet. Muito do trabalho que foi feito sobre elas foi feito por filósofas do mundo de língua inglesa (por exemplo, Broad, 2002; Broad & Green, 2009; Hutton, 2004, O'Neill & Lascano 2019). Mas há muito mais a ser descoberto. Portanto, não devemos parar aqui e não devemos parar na Europa. Há potencial para estender este trabalho além da história da filosofia europeia, para filósofas em todo o mundo. De fato, como atesta este volume, o processo de estender a recuperação das filósofas a todos os períodos e países já começou. Isso é extremamente empolgante por muitas razões. Temos o potencial de estabelecer uma massa crítica de filósofas, trazendo a perspectiva de uma mudança real, não apenas no cânone da filosofia da Europa Ocidental, mas na filosofia mundial. Mas ainda há muitos desafios. No entanto, são desafios que podem ser vantajosos.

### **Onde nós estamos agora**

Como eu tinha argumentado em outro lugar (Hutton, 2015, 2019), duas coisas foram cruciais para o sucesso em recuperar a filosofia feita por mulheres. Primeiro, recuperar as filósofas nunca teria acontecido sem que as mulheres tivessem tomado controle de sua própria história. Sem o surgimento do interesse nas mulheres do passado encabeçado pelo movimento das mulheres no fim do século XX, as filósofas permaneceriam escondidas na poeira da história. Mas vale a pena lembrar que o interesse na história das mulheres não foi suficiente por si mesmo para gerar interesse na história das *filósofas*, como oposta à história do feminismo. Na verdade, quando as mulheres começaram a se interessarem na filosofia das

---

<sup>5</sup> Para exemplos de cursos universitários de filosofia que incorporam filosofia por mulheres, visite o site do Projeto Vox: <http://projectvox.library.duke.edu/>.

mulheres, o sucesso desta empreitada de recuperação veio não da história feminista ou da filosofia feminista, mas de mulheres historiadoras da filosofia.<sup>6</sup>

Isso me traz ao segundo ponto que eu quero destacar: o sucesso em recuperar filósofas é em grande parte devido à abordagem histórica adotada por estas historiadoras da filosofia. Onde filósofas feministas tem, na maior parte, focado em analisar a *exclusão* das mulheres, este grupo focou nas *conquistas* das mulheres. Historiadoras da filosofia como Karen Green, Ruth Hagenruber, Jacqueline Broad e outras (eu mesma incluída) fizeram perguntas diferentes. Nós perguntamos que filosofia as mulheres produziram, e como elas atingiram o que conseguiram. Além do mais, isso envolveu não meramente focar em seus argumentos, ou vincular suas obras ao presente. Ao invés disso, a abordagem tomada prestou atenção ao contexto no qual mulheres filosofaram e investigou as circunstâncias filosóficas e sociais nas quais elas o fizeram. Essa abordagem está pressuposta na visão de que para descobrir a filosofia das mulheres e compreender seus argumentos, é essencial conhecer o *contexto* em que trabalharam. Isto requer distanciamento histórico, dispensando nossas noções contemporâneas de quais filósofos importam, e deixando de lado concepções contemporâneas da filosofia em si. Isso significou ter encontrado filósofos e filósofas negligenciados do passado que foram encobertos pelos autores clássicos. E nos foi requerido redescobrir o que a filosofia significava no passado.

É claro, focar nas conquistas das mulheres em filosofia não poderia ignorar a desvantagem educacional, prejuízo social, e outros impedimentos ao filosofar que foram o caso de muitas mulheres. Alguém só precisa lembrar do caso da filósofa italiana, Elena Cornaro Piscopia (1646-1684), que foi a primeira mulher premiada com um diploma de filosofia. Piscopia graduou-se na Universidade de Padova na Itália, mas ela também foi a última mulher com graduação em filosofia por muitos séculos. Porém, mesmo filosofar em privado não era fácil: afinal, para ser capaz de filosofar, ter a possibilidade de realmente filosofar, alguém precisa ser livre para fazer isso. Em tempos antigos, mulheres não eram livres para filosofar nas mesmas

---

<sup>6</sup> Sobre a diferença, até mesmo tensões, entre abordagens feministas e a história da filosofia das mulheres, consulte McAlister (1989), O'Neill (1999), Hagenruber (2015).

condições que os homens. Era mais difícil para uma mulher encontrar oportunidades para filosofar devido a suas circunstâncias sociais e expectativas restritivas sobre a sua capacidade. As limitações nas oportunidades das mulheres para filosofar são capturadas por Damaris Masham, quando ela conta a John Locke em 1688 que “a busca da filosofia só possível para aqueles que tem a liberdade dos Afazeres do Mundo” (Broad, 2020, 182). Para uma mulher como Damaris ‘Afazeres do Mundo’ significava os deveres sociais e domésticos os quais a impediam até de ler (Broad, 2020, 161-2). As circunstâncias nas quais a mulher filosofava aparecem apenas quando prestamos atenção no contexto no qual ela e outras mulheres filosofas praticaram filosofia. Para a vasta maioria das mulheres, ser capaz de filosofar significava superar costumes profundamente assentados e preconceitos sobre a capacidade e destino social das mulheres. O fato que as mulheres não tiveram as mesmas vantagens educacionais que os homens e foram estrangidas socialmente por seu papel de gênero (e.g. deveres domésticos, ou a expectativa que deveriam confinar a atividade mental a assuntos espirituais) é ainda verdadeiro hoje.

### **Alteridade e contexto**

O trabalho de recuperar as filósofas não tem sido fácil. Tem havido muitos desafios. Mas compreender esses desafios e como eles foram enfrentados tem sido essencial no avanço do projeto de recuperação da Filosofia Europeia. Isto também assegura a perspectiva de estender o projeto através do tempo e do espaço. Entre estes, um dos principais tem sido o problema de estranhamento e da diferença no pensamento das mulheres de outros períodos em comparação com a filosofia atualmente. Isto não é sempre óbvio ou fácil de fazer sentido com base no que encontramos. O desafio da alteridade, da ‘outridade’ dos filósofos do passado, surge na maioria das vezes com filósofos não-canônicos, porque eles são, por definição, menos familiares para nós. Com as filósofas, o problema torna-se mais desafiador porque durante a maior parte da história elas foram esquecidas. Em consequência, não há história de sua interpretação, e nós temos perdido o contato com a filosofia tradicional dentre cada filosofia praticada. Simplesmente assimilar filósofos antigos para nossa própria prática moderna está se distorcendo. Um pré-

requisito essencial para entender sua filosofia e sua relevância para nós agora é um compromisso com filosofia do passado e em nossos próprios termos. E isto é precisamente o que uma abordagem histórica pode oferecer.

Um problema consequente em todos esses casos é a alteridade de gênero. As filósofas nem sempre utilizaram formas padrões de filosofar, e, em muitos casos a evidência das suas filosofias chega indiretamente através de outros escritos. Por exemplo, é sabido que a italiana Aurelia D'este, Duquesa de Limatola (1683-1719) era especialista em física e metafísica cartesiana. Mas seus únicos escritos existentes são sonetos. A única escrita filosófica italiana cartesiana, Giuseppa Eleonora Barbapicola (1702-c. 1740), é sua tradução de Descartes, *I principi della filosofia di Renato Descartes* (1722). Outras mulheres adotaram gêneros atípicos da filosofia convencional. Muitas francesas *salonières* adotaram um diálogo formatado pela ocasião. (Conley, 2002, 2019), Madeleine de Scudéry (1607-1701), cuja *Conversations Morales* (1686) e *Entretiens de Morales* (1692) são baseados em conversações no seu *salon*. Outras escreveram coleções de *máximas* morais, por exemplo, Marguerite Hessein, Madame de la Sablière (1640-1693), cujas *Maximes Chrétiennes* foram publicadas com as *Reflections* de La Rochfoucauld, em 1705 (Conley, 2019). Rainha Christina da Suécia (1626-1689), também, escreveu máximas que foram publicadas postumamente como *Ouvrages de loisir, ou maximes et sentences* em 1751 (Ackerman, 1991). Este tipo da escrita não constitui, é claro, uma filosofia sistemática, mas isto não significa que as mulheres não pensam ou não podem pensar de uma maneira sistemática. A lição que tiramos ao lidar com a alteridade é que a filosofia se encontra como ela aparece, e isso ocorre de diversas formas.

### **Ausência e perda**

Outro grande problema é a perda ou ausência de evidência para as atividades filosóficas das mulheres. Uma maior dificuldade para a recuperação da filosofia das mulheres é que, na maioria dos casos nos falta escritos para fazer uma documentação completa de suas visões filosóficas. Uma razão para isso são as circunstâncias sociais e culturais nas quais mulheres tiveram que trabalhar. Muitas mulheres não publicaram ou não puderam publicar. Em outros casos, convenções

de anonimidade as requeriam fazer anonimamente. Então, mesmo quando seus escritos sobreviveram, é difícil descobrir o que elas pensavam, ou ainda se havia algum tipo de aceitação de suas ideias ou engajamento com seus argumentos. Então, portanto, difícil formular uma visão mais ampla da contribuição das mulheres para conversação filosófica em geral.

Em muitos casos, suas obras foram simplesmente perdidas. Existem muitas mulheres cujos legados filosóficos estão além da recuperação por ausência de fontes. Em outros casos, a evidência é fragmentada ou indireta. Para algumas, nossas únicas fontes de suas atividades filosóficas, foram cartas. Uma das mais famosas é a correspondência de Elisabeth da Bohemia (1618-1680), Princesa Palatina, cujas cartas para Descartes foram o único registro de sua atividade como filósofa. Algumas correspondências foram publicadas, por exemplo, a *Lettere di philosophia naturale* de Camila Gregetta Erculiani, publicadas em 1584 (Erculanei, 2016) e a *Lettere a Galileo* de Margherita Sarrocchi (1560-1617), publicada em 1611 (Sarrocchi, 2016). A correspondência de Mary Astell (1666-1731) com John Norris foram impressas como *Letters concerning the Love of God* em 1695 (Astell, 2005).

Em muitos casos a única evidência de que alguma dessas filósofas existiram são seus nomes, registrados em histórias da filosofia já feitas, por exemplo, *Vitae philosophorum* (Século III d.c.) de Diógenes Laércio e a *History of Philosophy* (1656) de Thomas Stanley. Uma coleção excepcionalmente rica de nomes pode ser encontrada na *Mulierum Philosophorum* (1690) história de Gilles Ménage. Algumas filósofas também são mencionadas em história das mulheres - por exemplo, na *Les Eloges des Illustres Sçavantes, tant Anciennes que Modernes*, de Marguerite Buffet, a qual é apêndice de *Nouvelle observations sur la Langue Françoise* (1668) (Buffet, 1668), Mary Hays, *Female Biography* (Hays, 1803), e *Memories of Several Ladies of Great Britain* de George Ballard (Ballard, 1752). Mesmo se as mulheres que aparecem neste trabalho sejam somente nomes, com pouco ou nenhum detalhe de seus pensamentos, essas histórias ao menos lhes dão o crédito de serem reconhecidas enquanto filósofas.

Então, existem muitas pensadoras cujas credenciais filosóficas foram ocultadas por distorção e roubo. Um caso notório de uma mulher cujas ideias foram atribuídas como de outras pessoas é de Emilie Du Châtelet, na qual a autoria

da tradução francesa dos *Principia Mathematica* de Newton e seus comentários foram questionados. Recentemente, foi revelado que Susan Sontag foi obrigada a ceder sua autoria de *Freud: the Mind of the Moralist* para seu marido Philip Rieff, publicado em seu nome (Conrad, 2019). E existem casos verdadeiramente escandalosos onde mulheres foram desqualificadas enquanto filósofas, para serem identificadas em termos que não tem nenhuma ligação com filosofia: Conway foi considerada histórica, Cavendish foi desqualificada como uma excêntrica, senão louca, e Madame Du Châtelet lembrada apenas como amante de Voltaire, ao invés da mente brilhante que foi.

Além dessas representações erradas e menosprezantes, existem muitas outras maneiras nas quais o brilho de uma filósofa pode ser ofuscado. Uma maneira comum é o uso de qualquer rótulo, exceto *filósofa*, uma prática a qual serve para obliterar as capacidades filosóficas das mulheres. ‘Mística’ é um dos termos usados livremente para ofuscar as conquistas intelectuais de uma mulher. A ‘mulher intelectual’ é menos degradante que ‘mística’, mas não menos filosoficamente desabilitante: exemplos são Marie Jars de Gournay, Princesa Elisabeth da Bohemia e Anna Maria van Schuurman. A ‘mulher letrada’ é outro desses rótulos. Madame de Scudéry é lembrada como uma romancista não como filósofa. Ela certamente foi uma romancista de grande sucesso com uma base de leitores internacionais como é atestado por traduções de seu trabalho em inglês, espanhol, italiano, alemão, e, até mesmo árabe. Desde início, foi tratada como uma *précieuse* petulante atacada por Boileau; só recentemente ela foi nomeada como filósofa (Conley 2011)<sup>7</sup>. A romancista Mary Anne Evans, mais conhecida como George Elliot é outro exemplo. Seu interesse em filosofia embasado pelo fato que traduziu as obras de Spinoza só recebeu a atenção de maneira relativamente recente (Spinoza, 2019). Imperativos feministas também têm servido para obscurecer a contribuição filosófica das mulheres. Por exemplo: Mary Astell, Mary Wollstonecraft e Margaret Cavendish foram todas saudadas como heroínas feministas muito antes de serem reconhecidas como filósofas. A lição que tiramos disso é que devemos estar

---

<sup>7</sup> Madame de Scudéry foi parcialmente reabilitada por Victor Cousin no meio do século XIX.

preparados para questionar as maneiras as quais mulheres foram individualmente categorizadas e olhar além dos rótulos para ver o que eles encobrem.

Relacionado a isso é o problema 'gate-keeper'<sup>8</sup>: isto é, o apagamento das mulheres pela falha dos historiadores na sua menção - uma tendência a qual é observável tanto entre histórias da velha escola, como na historiografia de maneira mais geral. Histórias padrões da filosofia falham em mencionar mulheres, esquecendo que mulheres fizeram linha de frente para novos avanços na filosofia os quais estabeleceram alicerces para a filosofia como conhecemos hoje em dia.<sup>9</sup> Então, por exemplo, Princesa Elisabeth da Bohemia foi uma das primeiras pessoas a reconhecer a originalidade da filosofia de Descartes. A primeira defesa de Locke foi feita por uma mulher, Catherine Trotter Cockburn, cuja obra *Defence of the 'Essay of Human'* foi publicada em 1702 (Cockburn, 1702). A correspondência de Mary Astell com John Norris tematiza a obra de Malebranche durante seu período de vida. Emilie Du Châtelet desafiou o compromisso francês ao cartesianismo, quando ela promoveu a filosofia natural newtoniana na França. Ela é credibilizada por introduzir a filosofia de Leibniz para os franceses. Anne Conway interagiu com Spinoza sem a injúria dada pela maioria no início da recepção de sua obra. Isso não significa que mulheres eram meramente recipientes passivos dos filósofos "canônicos" como Descartes, Locke, Malebranche e Leibniz. Pelo contrário, a prontidão das mulheres para as novas filosofias de sua época são testemunho de sua ousadia intelectual. Mas se olharmos para as histórias da filosofia que recebemos, elas não aparecem.

### **Caminhos a seguir**

Há, no entanto, um lado positivo, dos desafios apresentados ao recuperar as esquecidas mulheres do passado, no sentido de que esses desafios formaram modos de investigação. Na medida em que abordagens históricas e contextuais à

---

<sup>8</sup> Nota dos tradutores: Algo ou alguém que opera como o controlador da passagem ou realização de uma determinada ação.

<sup>9</sup> A edição de 1967 da *Enciclopédia de Filosofia* (Edwards, 1967) não continha nenhuma mulher. O mesmo acontecia com *A História de Filosofia do Renascimento de Cambridge*, editada por Schmitt, Skinner e Kessler (CUP, 1987).

história da filosofia reconhecem a alteridade na história da filosofia, elas se provaram benéficas para a recuperação e o estudo de filósofas do passado. Tais abordagens mostram que o melhor jeito de confrontar o desafio da alteridade é o reconhecendo. De fato, poderíamos ir além e alegar que há uma *virtude* a ser feita do estranho problema da falta de familiaridade da filosofia das mulheres. Uma abordagem contextual é especialmente valiosa para lidar com pensadores cujo contexto e preocupações são remotas das nossas. Outrossim, estranheza e diferença são, discutivelmente, características não só de filósofas do passado, mas também daquelas do passado recente. Além disso, estranheza e diferença são especialmente desafiadoras no caso de mulheres que filosofaram em tradições completamente diferentes, em diferentes culturas e diferentes sociedades ao redor do mundo. Nós não podemos estudar tais filósofas simplesmente interpretando-as como se elas fossem parte das tradições filosóficas dominantes do presente. Nós precisamos encontrar um jeito de entendê-las em seus próprios termos. E isso, por sua vez, aponta para a importância do contexto e a utilidade das lições da história. Nesse sentido, pensar no passado, mesmo o passado recente, como um país estrangeiro, ajuda a examinar as circunstâncias intelectuais diversificadas nas quais mulheres filosofaram, fazendo da estranheza e da diferença uma virtude.

226

A mesma analogia se aplica especialmente a filosofias de diferentes tradições e diferentes culturas. Sendo conscientes dos desafios da alteridade em contextos intelectuais altamente diversos, estaremos mais bem colocados para abordá-los. Isso garante perspectivas para trabalhos adicionais, em territórios até então desconhecidos de filósofas, além da Europa. Filósofas do passado não surgiram plenamente formadas como Minerva da cabeça de Zeus. Elas tiveram que ser escavadas da obscuridade e de compreensões equivocadas. Da mesma forma que mulheres de outras tradições. Nós não vamos necessariamente encontrar estátuas de Minerva completamente formadas, mas fragmentos, mesmo como traços. Mas estarmos atentos para a filosofia de uma mulher interpretada como a de um homem, para a filósofa escondida na dama letrada, ou reduzida ao status de “ajudante”. Quem sabe, talvez novos escritos filosóficos virão à luz.

### **Um novo renascimento?**

Na atualidade, enquanto lutamos com o problema da integração das vozes femininas na filosofia hoje e no cânone de ensino (Waithe, 2015), nós estamos diante do fato do esquecimento que tem sido o destino da maioria das filósofas ou que o seu panorama é fragmentado e distorcido. Mas aqui também há mais encorajamento que nós podemos tirar da história. A história da filosofia está de fato cheia de ‘filosofia perdida’. Existem muitos filósofos com quem somos familiarizados hoje que foram esquecidos por séculos, mas cujos trabalhos foram recuperados posteriormente. Existem também filósofos que foram somente conhecidos através de uma pequena parte de suas produções, mas que se tornaram mais conhecidos após a recuperação de textos perdidos. São exemplos a filosofia de Plotino e o Ceticismo Pirrônico, recuperados pelos humanistas da Itália no século XV, assim como os diálogos de Platão, a maioria desconhecidos na Idade Média. A recuperação dessas filosofias ocorreu no período mais famoso de recuperação e redescobrimto cultural na Europa Ocidental, a Renascença. Algumas vezes referida como o ‘o reviver das letras’, esse período é comumente pensado como o reavivamento da cultura clássica antiga.

227

O componente filosófico desse reavivamento é geralmente despercebido. A maioria das histórias da filosofia rotineiramente pulam a filosofia renascentista como se fosse desinteressante filosoficamente. Mas foi precisamente nesse período que os elementos chaves da história da filosofia Europeia voltaram a ser vistos, sendo os mais famosos aqui mencionados, Plotino, Pirro e os diálogos de Platão. Essas filosofias foram as que, por assim dizer, ficaram “dormentes” desde a Antiguidade até quando foram recuperadas no século XV pelos estudiosos da Renascença que foram denominados Humanistas. A renascença foi um “reviver” no sentido em que reviveu filósofos há muito esquecidos, mas também no sentido que a filosofia, ela mesma, nasceu novamente. A Renascença foi, de fato, um período de enorme importância no desenvolvimento da filosofia Europeia. No século XV, filósofos antigos reingressaram na conversa filosófica. Filósofos antigos foram lidos e adaptados para o seu tempo. Por trazer alguns dos famosos filósofos da antiguidade de volta para a conversa filosófica, a Renascença de fato contribuiu enormemente para o enriquecimento e revigoramento da filosofia, estabelecendo as figuras canônicas do século XVII (Descartes, Spinoza, Hobbes e Locke). O

engajamento com os filósofos esquecidos da antiguidade, que foi produtivo, resultou no enriquecimento da filosofia, e nas novas filosofias de pensadores que ousaram pensar em novos caminhos – pensadores tais como Giordano Bruno, Tommaso Campanella e Girolamo Cardano (nenhum deles sendo considerados canônicos hoje).

Isso é uma descrição reducionista da Renascença e de seu impacto. Mesmo assim, os paralelos entre a história da recuperação dos filósofos antigos na Renascença e da nova história das filósofas são, para mim, impressionantes. O trabalho filosófico das mulheres é um corpo de filosofia que permaneceu esquecido por séculos, e está sendo trazido de volta por um processo que pode ser apropriadamente descrito como um “re-nascimento” ou re-nascença.

A Renascença da filosofia das mulheres está apenas começando. Nós devemos continuar cavando para encontrar mais – não somente para aquelas cujos nomes conhecemos, mas aquelas desconhecidas. Não apenas filósofas da Inglaterra, França, Alemanha e Itália, mas as filósofas de todos os países e todas as épocas. Dará muito trabalho descobrir as mulheres da América do Sul, Índia, China, Japão e África. Há mais evidência que poderíamos pensar acerca da existência de filósofas. E munidos com o conhecimento e com os meios para escavação, quem sabe o que pode ser encontrado? Quem sabe, talvez novos escritos filosóficos podem vir a luz. Claro, essa perspectiva entusiasmante deve ser atenuada pelo fato desanimador de que o trabalho de muitas filósofas – talvez a maioria – jamais será recuperado, uma vez que o seu pensamento não foi registrado, ou foi perdido. Mas apenas por saber seus nomes, fará uma diferença para a percepção da capacidade das mulheres, e isso, indiretamente, fará uma diferença na percepção e na prática da filosofia. Mesmo que muitas filósofas do passado sejam somente nomes, mesmo que o melhor que podemos fazer seja compilar uma lista dos seus nomes, saber os nomes das mulheres que filosofaram testemunha sua existência. Isso arruína a suposição de que mulheres não fizeram filosofia, de que as mulheres não tinham inteligência suficiente para fazer filosofia; ou que aquelas que fizeram eram excepcionais para o seu sexo. Assim como as estrelas no céu noturno que morreram antes de suas luzes chegarem à Terra são a evidência chave para a construção da história do universo, assim também os nomes das filósofas são testemunhos da

história da cultura intelectual feminina, ainda que suas filosofias não o sejam mais. Comumente é dito que ao tornar as mulheres visíveis, “você não pode somente adicionar mulheres e mexer” – você não pode somente adicioná-las como ingredientes em uma receita, porque isso não muda nada substancialmente. Mas o que eu quero sugerir é que de fato você pode “adicionar mulheres e mexer.” Mas você tem que adicionar o suficiente delas para mudar a receita – poucas não fará diferença.

## Referências

- Ackerman, S. (1991). Kristina Wasa, *Queen of Sweden*. In *A History of Women Philosophers*, ed. M. E. Waithe (vol. 3, pp. 21–40). Dordrecht: Kluwer.
- Astell, M., & Norris, J. (2005). *Letters Concerning the Love of God.*, ed. E. Derek Taylor & Melvyn New. Aldershot: Ashgate.
- Ballard, G. (1752). *Memoirs of Several Ladies of Great Britain, Who Have Been Celebrated for their Writings or Skill in the Learned Languages Arts and sciences*. Oxford.
- Broad, J. (2002). *Women Philosophers of the Seventeenth Century*. Cambridge University Press.
- Broad, J. (2020). *Women Philosophers of Seventeenth Century England. Selected Correspondence*. Oxford University Press.
- Broad, J., & Green, K. (2009). *A History of Women’s Political Thought in Europe, 1400–1700*. Cambridge University Press.
- Cockburn, C. T. (1702) *A Defence of the ‘Essay of Human Understanding’,* Written by Mr. Lock. London: W. Turner.
- Conley, J. (2002). *The Suspicion of Virtue: Women Philosophers in Neoclassical France*. Cornell University Press.
- Conley, J. (2011). Madeleine de Scudéry. In *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* Edward N. Zalta (ed.), Summer 2011 Edition. <http://plato.stanford.edu/archives/sum2011/entries/madeleine-scudery/>.
- Conrad, P. (2019). Susan Sontag: Her Life by Benjamin Moser. *Review—Heavyweight Study of a Critical Colossus*. <https://www.theguardian.com/books/2019/sep/08/susan-sontag-her-life-benjamin-moser-review>.
- Conley, J. (2019). Tutor, Salon, Convent: The Formation of Women Philosophers in Early Modern France. *British Journal for the History of Philosophy*, 27(4), 786–805. <https://doi.org/10.1080/09608788.2018.1563763>.
- Descartes, R. (1989). *Correspondance avec Elisabeth, et autres lettres*, ed. J. M. & M. Beysade Flammarion.
- Elisabeth of Bohemia. (2007). *The Correspondence Between Princess Elisabeth of Bohemia and René Descartes*, translated by Shapiro, L. Chicago & London: University of Chicago Press.

- Erculiani, C. (2016). *Lettere di philosophia naturale (1584)*. In E. Carinci (Eds.) *Corrispondenze Scientifiche tra cinquecento e seicento*. Agora: Lugano.
- Hagengruber, R. (2015). Cutting Through the Veil of Ignorance: Rewriting the History of Philosophy. *The Monist*, 98, 34–42.
- Hagengruber, R., & Hutton, S. (2019). Introduction, *British Journal for the History of Philosophy*, 27(4), 673–683. <https://doi.org/10.1080/09608788.2019.1610861>.
- Hays, M. (1803). *Female Biography or Memoirs of Illustrious and Celebrated Women of All Ages and Countries*.
- Hutton, S. (2004). *Anne Conway. A Woman Philosopher*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hutton, S. (2015). Blue-Eyed Philosophers Born on Wednesdays: An Essay on Women and History of Philosophy. *The Monist*, 98(1), 7–20.
- Hutton, S. (2019). Women, Philosophy and the History of Philosophy. *British Journal for the History of Philosophy*, 27(4), 684–701.
- Marguerite, B. (1668). *Nouvelles observations sur la langue Française, Où is est traité des termes anciens & inusitez & du bel usage des mots nouveaux. Avec les Eloges des Illustres Sçavantes, tant Anciennes que Modernes*. Paris: Cusson.
- McAlister, L. L. (1989). Some Remarks on Exploring the History of Women in Philosophy. *Hypatia*, 4(1), 1–5.
- Meyer, U., & Bennent-Vahle, H. (Eds.). (1995). *Philosophinnen Lexikon*. Einfach-Verlag.
- O'Neill, E. (1998). Disappearing Ink: Early Modern Women Philosophers and their Fate in History. In Janet A. Kourany (Ed.), *Philosophy in a Feminist Voice. Critiques and Reconstructions*, 16–62. Princeton: Princeton University Press.
- O'Neill, E. (1999). *Women Cartesians, "Feminine Philosophy" and Historical Exclusion*. In S. Bordo (Ed.), *Feminist Interpretations of René Descartes* (pp. 232–257). Pennsylvania State University Press.
- O'Neill, E., & Lascano, M. (2019). *A Feminist History of Philosophy*. Springer.
- Project Vox. <http://projectvox.library.duke.edu/>.
- Sarrochi, M. (2016). *Lettere a Galilei (1611–1612)*, ed. Sandra Plastina. In *Corrispondenze Scientifiche tra cinquecento e seicento*. Agora: Lugano.
- Spinoza, Benedictus de (2019). *Spinoza's Ethics*, translated by George Eliot, edited by C. Carlisle. Princeton: Princeton University Press.
- Waithe, M. E. (2015). From Canon-Fodder to Canon-Formation: How Do We Get there from Here? *The Monist*, 98, 21–33.
- Waithe, M. E. (General editor) (1986–1991). *A History of Women Philosophers* (Vol. 4). Dordrecht: Springer.